

Linguagem e construção de sentidos em “A colcha de retalhos”, de Monteiro Lobato *

Elisa Battisti**

Resumo

Neste ensaio, realiza-se análise da enunciação (MAINGUENEAU, 1996; CHARAUDEAU, 2008) do conto “A colcha de retalhos”, de Monteiro Lobato. Objetiva-se mostrar que tal linha de pesquisa sobre a linguagem fornece elementos para o estudo de textos literários. Diferentes marcas de subjetividade presentes no conto revelam a visão de um Brasil rural cuja ruína material associa-se à decadência moral, e dão corpo à instância discursiva. Essa instância, que prepondera sobre a instância narrativa no texto em análise, é característica da obra regionalista de Monteiro Lobato e pode estar associada ao impacto sociopolítico de sua obra.

Palavras-chave

“A colcha de retalhos”; Monteiro Lobato; Enunciação; Construção de sentidos.

Abstract

In this essay, we analyze the uttering of a short story named “A colcha de retalhos” (The Rags Bedcover), by Monteiro Lobato, according to Maingueneau (1996) and Charaudeau (2008). We aim at showing that such a kind of linguistic analysis provides elements to the study of literary texts. Different subjectivity marks in the short story reveal the view of a rural Brazil in which the material ruin is associated to the moral decay of the subject. The subjectivity marks give origin to the discursive dimension of the text. This dimension predominates over the narrative dimension in the short story under analysis, and it is a feature of the regionalist texts by Monteiro Lobato. Such a feature may be related to the indirect but positive social and political effects of his texts.

Key words

“A colcha de retalhos”; Monteiro Lobato; Uttering; Meaning making.

* Este trabalho foi apresentado no Seminário Livre *Caminhos Cruzados*, do Mestrado em Letras, Cultura e Regionalidade da UCS, em maio de 2006, e atualizado para publicação. Agradeço às colegas Cecil Jeanine Albert Zinani e Tânia Maris de Azevedo a leitura do ensaio e os encorajadores comentários.

** Doutora em Letras-Linguística Aplicada, Pesquisadora do CNPq, Professora de Linguística, Língua Portuguesa e Língua Inglesa no Centro de Ciências Humanas e Mestrado em Letras Letras, Cultura e Regionalidade da Universidade de Caxias do Sul.

A ANÁLISE LINGUÍSTICA voltada à enunciação, isto é, à relação entre sujeito e linguagem em uso, fornece elementos para o estudo de textos literários. Esse é o pressuposto do presente ensaio, como também é o de Maingueneau (1996). Não será a ferramenta de investigação, no entanto, o que se fará sobressair aqui. Pretende-se analisar a enunciação de um texto literário – a organização de categorias da língua pelo sujeito, daí depreendendo-se sua posição em relação ao que diz, ao interlocutor e ao que esse diz (CHARAUDEAU, 2008) – para dar relevo aos investimentos estilísticos de um autor regionalista brasileiro, Monteiro Lobato. O texto escolhido para análise é “A colcha de retalhos”, um dos contos de *Urupês*, primeiro livro do autor, publicado em 1918.

Em *Urupês* estão reunidos contos escritos na mocidade de Monteiro Lobato, com base em histórias por ele ouvidas na fazenda de seu avô em Taubaté, São Paulo. São histórias corriqueiras, algumas dramáticas e sentimentais, como a de “A colcha de retalhos”, através de que Lobato retrata a gente brasileira do interior. É por essa razão, pelo retrato que pinta de tipos, costumes e linguagem, numa época em que se redescobre o Brasil¹, que Monteiro Lobato figura entre Valdomiro Silveira, Afonso Arinos, Manuel de Oliveira Paiva e Simões Lopes Neto, regionalistas do final do século XIX e início do século XX, conforme Miguel-Pereira (1973). Essa autora afirma que, com Lobato e a criação de Jeca-Tatu, o regionalismo brasileiro deu primazia aos tipos humanos sobre o pitoresco, embora esse aspecto ainda fosse importante às narrativas regionalistas da época.

Antes que se passe à análise propriamente dita, é preciso que se dediquem algumas palavras ao que se compreende por regionalismo na literatura, para que se depreendam ainda mais claramente os contornos do conto em estudo. E é também necessário esclarecer enunciação na literatura, a fim de que se compreendam os elementos a que se dará atenção na análise.

Atente-se à afirmação de Miguel-Pereira (1979, p.179) sobre o estudo do regionalismo: “Para estudar, pois, o regionalismo, é mister delimitar-lhe o alcance: só lhe pertencem de pleno direito as obras cujo fim primordial for a fixação de tipos, costumes e linguagem locais, cujo conteúdo perderia em significação sem esses elementos exteriores, e que se passem em ambientes onde os hábitos e estilos de vida se diferenciem dos que imprime a civilização niveladora.”

¹ Reis (2006) afirma que nos, primeiros 30 anos do século XX, o pensamento histórico brasileiro redescobre o Brasil, “valorizando o seu povo, as suas lutas, os seus costumes, a miscigenação, o clima tropical e a natureza brasileira” (p.95). Segundo o autor, Capistrano de Abreu, com seu *Capítulos de História Colonial*, é um dos iniciadores dessa corrente de pensamento.

Identificado como um regionalista, espera-se obter, da leitura de contos de Monteiro Lobato como os de Urupês, não só o perfil de um brasileiro típico, mas também a descrição de suas práticas diárias e seu modo de falar, com destaque para o exótico, isto é, para o estranho relativamente ao próprio autor e aos leitores pretendidos. Os três aspectos têm lugar em “A colcha de retalhos”, mas é a tipicidade dos sujeitos o que se salienta nesse e em outros textos do autor. E esses sujeitos, como condiz ao regionalismo, sintetizam em suas características o meio a que pertencem. Não são individualidades o que se retrata, mas representantes de grupos ligados a um dado ambiente. É isso o que se tem dos personagens de “A colcha de retalhos”, como se verá adiante.

Sendo o tipo humano o que se destaca em Monteiro Lobato, não é o exotismo da linguagem o traço marcante de seus textos, embora marcas da oralidade, do sotaque local sejam, na medida do possível, retratados na fala dos personagens. A consequência são narrativas mais fluentes do que outras ditas regionalistas, o que vem a caracterizar a própria concepção de estilo do autor.

Em lugar do vocabulário peculiar ao tipo brasileiro retratado, a análise linguística de “A colcha de retalhos” se voltará ao ato mesmo de sua enunciação. Lançará luz aos vestígios que esse ato deixa no enunciado e que são tomados, por quem lê, para formular hipóteses interpretativas, construir sentidos conformes às intenções do sujeito enunciador.

A enunciação é a dimensão de uso da linguagem. É na enunciação que a língua converte-se em discurso deste ou daquele sujeito. Dela resultam os enunciados – palavras, frases, textos, ou a própria materialidade linguística –, articulados às situações de sua enunciação. *Eu* é uma partícula da língua cuja função é justamente estabelecer essa articulação: diferentemente de signos como *janela* ou *tulipa*, que possuem uma definição, *eu* não existe fora da enunciação. É um *embreante*, definido pela circularidade, pela reflexividade. *Eu* é uma pessoa do diálogo que se define em relação a um *tu*, ao outro. As situações de enunciação incluem o enunciador (*eu*), o co-enunciador (*tu*), um momento e um lugar. *Ele* nessas situações é o verdadeiro pro-nome, a não pessoa na enunciação. Importa na enunciação o modo como o sujeito falante age na encenação do ato de comunicação (CHARAUDEAU, 2008) ao instituir-se *eu*.

O mesmo vale para o texto literário, destacando-se aí o narrador como sujeito de discurso. Sujeito e ao mesmo tempo papel distribuído pelo evento ritualizado que é a enunciação literária. Essa conformidade ao ritual enunciativo é o que distingue

enunciação literária de intercâmbios linguísticos ordinários como um diálogo, a que se acresce o fato de autor e público não estarem em contato direto. Significativo na enunciação literária é, relativamente às narrativas, o duplo aspecto da narração: de um lado está a história, os acontecimentos contados; de outro está o ato de enunciação produtor do texto que registra a história. Chamaremos a esses aspectos, respectivamente, instância narrativa e instância discursiva. É nessa instância, a do discurso, que marcas de subjetividade são apreendidas, que visões de mundo são detectadas. Veremos isso na análise de “A colcha de retalhos”, o modo como os limites entre as instâncias vão-se construindo e, com eles, o universo de sentidos que o conto encerra.

“A colcha de retalhos” é contada por um sujeito-narrador que vai a um sítio, no interior de São Paulo², contratar, por empreitada, os serviços do proprietário, José Alvorada, na plantação de terras. No sítio moram a filha adolescente de Alvorada, Maria das Dores, apelidada Pingo D’Água, sua esposa, Sinh’Ana, e a avó, Joaquina, 70 anos. Tanto o sítio quanto a família vivem dias de decadência. Por problemas de saúde, José Alvorada não planta suas terras (recusa a oferta que lhe faz o narrador), vive de trabalhos eventuais prestados a conhecidos. A esposa passa os dias adoentada, e a menina, que foi do sítio à cidade apenas para o batizado, é analfabeta. A avó, Joaquina, dedica-se a reunir, numa colcha, pedaços dos vestidos usados ao longo dos anos por Pingo D’Água, na pretensão de concluir a colcha por ocasião do casamento da neta. O narrador vai ao sítio duas vezes, na primeira para propor negócios e, na segunda, dois anos depois, por curiosidade acerca de uma história ouvida na cidade: a fuga de Pingo D’Água com o filho de um vizinho dos Alvorada, além da morte de Sinh’Ana. O narrador encontra no sítio, ainda mais decadente, a velha Joaquina, que lhe conta sobre a fuga da moça e toda a vida dela ao falar sobre cada retalho da colcha, que permaneceu inacabada.

Evocando-se a noção de *heterogeneidade do texto* – o texto é uma realidade heterogênea, constituída por sequências de tipos diversos (narração, argumentação, descrição, conversação), percebe-se no conto de Monteiro Lobato que narração e descrição estão a serviço da argumentação: no conto defende-se uma concepção rudimentar da vida rural: pura, mas atrasada, bela por ser selvagem, mas por isso mesmo afeita ao acaso e às intempéries, distante do progresso (da cidade) promovido

² Essa é a localização referida em outros contos de Urupês.

pela inteligência e pela razão. O que leva a apreender isso? Marcas de subjetividade. Considere-se o seguinte trecho, em que o narrador descreve Pingo D'Água:

– Bom dia, menina! O pai está em casa?
É a filha única. Pelo jeito não vai além de quatorze anos. Que frescura! Lembra os pés d'avenca viçados nas grotas noruegas. Mas arredia e itê como a fruta do gravatá. Olhem como se acanhou! D'olhos baixos, finge arrumar a rodilha. Veio pegar água a este cor'go e é milagre não se haver esgueirado por detrás daquela moita de taquaras, ao ver-me.

São marcas de subjetividade as exclamações (*Que descalabro!*), as avaliações (...*arredia e itê...*), que resultam diretamente da argumentação. Há sequências descritivas ligadas a sequências instrucionais (*Olhem como se acanhou!*), com que o narrador-personagem não só conta a história, mas também conduz o olhar do leitor sobre a vida na roça que, a um só tempo, mostra-se pitoresca e decepcionante. Essa heterogeneidade, que é textual e também enunciativa, está presente em todo o texto. Ela é marca do modo como o sujeito-narrador encena o ato de linguagem, instituindo-se *eu*, com o que se revela seu ponto de vista. Veremos que, além da heterogeneidade enunciativa, ganham relevo outras marcas de subjetividade expressas por meio de adjetivos, tempos verbais e demais formas linguísticas.

O conto inicia por uma descrição feita pelo narrador-personagem. A narrativa é introduzida através da impressão de movimento. Observe-se:

– Upa!
Cavalgo e parto.
[...]
Vejo a orla de capim tufada como debrum pelo fio dos barrancos; vejo o roxo-terra da estrada esmaecer logo adiante; e nada mais vejo senão, a espaços, o vulto gotejante dalguns angiqueiros marginais.
Agora, uma porteira.
Ali, a encruzilhada do Labrego.
Tomo à destra, em direitura ao sítio do José Alvorada. Este barba-rala mora-me a jeito de empreitar um roçado no capoeirão do Bilu, nata de terra que pelas bocas do caeté legítimo, da unha-de-vaca e da caquera está a pedir foice e covas de milho.
Não é difícil a puxada: com cinquenta braças de carreador boto a roça no caminho.

O narrador-personagem cavalga, parte e, assim, vê a paisagem: *Vejo a orla de capim...; vejo o roxo-terra...* . Narrativiza-se a descrição, o que também é feito com o uso de dêiticos espaciais (*Agora, uma porteira. Ali, a encruzilhada do Labrego*), situados no espaço sob o ponto de vista do narrador. O monólogo interior colabora para

promover a progressão da descrição: o narrador vê a terra e a avalia (*Não é difícil a puxada: com cinqüenta braças...*). É a presença de embreantes e o predomínio do presente (*aqui, ali, este, mora-me, é*) que articulam o enunciado à situação de enunciação, o que acaba caracterizando esse trecho descritivo como um trecho de discurso, e não da instância narrativa (história).

Também no início do texto, descreve-se a natureza em março:

Por estes dias de março a natureza acorda tarde. Passa as manhãs embrulhada num roupão de neblina e é com espreguiçamentos de mulher vadia que despe os véus da cerração para o banho de sol.

Além de caracterizar a natureza metaforicamente (*embrulhada em um roupão de neblina*), o lento dissipar-se da cerração é descrito como *espreguiçamentos de mulher vadia*. Numa tal expressão, antes que recortar o real está-se a exhibir um universo de impressões: o emprego de formas nominais deverbais coloca em primeiro plano o próprio processo ou, antes, a impressão provocada por esse processo.

Temporalidade verbal, exclamações e emprego não classificatório de adjetivos também portam marcas enunciativas de subjetividade. Considere-se o trecho em que se descreve o encontro do narrador com Pingo D'Água (ver acima): há uma única combinação ela+pretérito perfeito (*Veio pegar água a este cor'go...*), que permanece na órbita da narrativa. Já as combinações ela+presente (*Lembra os pés d'avenca...; não vai além dos 14 anos*), que dominam o parágrafo, são da órbita do discurso, como também o *Pelo jeito, é milagre*, e a perífrase verbal *não se haver esgueirado*, que relacionam procedimentos (passados) à situação de enunciação (presente). Ao trecho referido segue-se o que está abaixo:

– O pai está lá? insisti.

Respondeu um “está” enleado, sem erguer os olhos da rodilha.

Como a vida no mato asselvaja estas veadinhas! Note-se que os Alvoradas não são caipiras. Quando comprou a situação dos Periquitos, o velho vinha da cidade; lembro-me até que entrava em sua casa um jornal.

A exclamação do narrador (*Como a vida no mato asselvaja estas veadinhas!*), a instrução (*Note-se*) instauram novamente a instância discursiva, o que é assegurado pelo emprego de pretérito imperfeito (*entrava em sua casa um jornal, costumava dizer*) e presente (*que encurtam a renda*). A própria exclamação do narrador é subjetiva. A caracterização não classificatória de Pingo D'Água (*veadinha asselvajada, pobrezinha*) resulta de uma avaliação depreciativa que não é legitimada apenas pelo universo criado

no próprio texto, mas pela cultura. A língua, aqui, não serve somente para manipular objetos do mundo, mas para liberar clichês no discurso literário.

Ao final da descrição narrativizada de Pingo D'Água e familiares, o narrador faz um movimento de retorno à instância narrativa através da combinação eu+pretérito perfeito, movimento esse que é logo abreviado:

Deixei a menina às voltas com a rodilha e embrenhei-me por um atalho conducente à morada.

Mas é discurso o que vem logo em seguida com outra exclamação, que traduz o choque da primeira visão:

Que descalabro!...

Da casa velha aluía uma ala, e o restante, além da cumeeira selada, tinha o oitão fora do prumo.

O velho pomar, roído de formiga, morrera de inanição; na ânsia de sobreviver, três ou quatro laranjeiras macilentas, furadas de broca e sopesando o polvo retrançado da erva passarinho, ainda abrolhavam rebentos cheios de compridos acúleos. Fora disso, mamoeiros, a silvestre goiaba e araçás, promiscuamente.

A descrição do pomar pelo narrador possui um conteúdo avaliativo relacionado à situação (presente) de enunciação. Conclui-se com: “*Tapera quase e, enluradas nela, o que é mais triste, almas humanas em tapera.*” Note-se a expressão-comentário *o que é mais triste*. É discurso o que vai aí, discurso esse que conduz para a ideia-síntese do próprio conto, a da ruína material como resultado da decadência moral dos sujeitos.

Após isso, inicia-se a narração propriamente dita, mas em que o discurso aflora aqui e ali, como quando o narrador avalia a mãe (*Acabadinha, a Sinh'Ana*), ou o comportamento do pai (*A loquacidade daquele homem...*), ou a qualidade do café (*um cafezinho ralo...*).

A notícia do furto de Pingo D'Água pelo filho do vizinho é objetivamente informada no texto, quando o narrador caracteriza os Alvorada como *humildes urupês*. Em seguida, o narrador relata seu retorno ao sítio. Na descrição do sítio, que serve ao discurso, a seleção de adjetivos e verbos retrata a piora do lugar (*tapera...deserta, pomar extinto, descambando para o lúgubre*). Até mesmo a aparição da avó é descrita como a de uma *sombra acurvada e trêmula*.

Na conversa entre narrador e a avó de Pingo D'Água, as escansões que o texto institui através dos parágrafos adquirem valor estilístico importante: cada um deles trata especificamente de um dos retalhos da colcha. Considerando-se que, em termos de

macroproposições, essas informações poderiam ser agrupadas em um só parágrafo, traduz-se com sua proliferação o ritmo da enunciação, que é o do depoimento compassado da velha senhora sobre o desenrolar da vida da neta, um enredo breve e de final infeliz.

A instância discursiva retorna com uma das exclamações finais, em que há uma avaliação sobre a juventude:

Que quadro imensamente triste, aquele fim de vida machucado pela mocidade louca!...

E mais e adiante, no encerramento do conto, com ironia:

Um mês depois morria. Vim a saber que lhe não cumpriram a última vontade.
Que importa ao mundo a vontade última duma pobre velhinha da roça?
Pieguices...

Antes que uma antífrase, que uma afirmação contrária ao sentido literal da pergunta, está-se diante de uma espécie de citação, da menção à fala de um locutor. Utilizando-se da ironia, o narrador diz algo de deslocado, sobre o que não assume responsabilidade. Mais ainda, considera absurdo. É a visão de um narrador-testemunha que, como tal, vê a realidade, com ela emociona-se, mas nela não pode interferir.

Percebe-se então, do começo ao fim do conto, os limites claros entre instância discursiva e narrativa. O que chama a atenção em “A colcha de retalhos” é o fato de o discurso parecer ter mais corpo no conto do que a história, do que os acontecimentos contados. É como se a história fosse um pretexto para a expressão de pontos de vista, para os quais o narrador cuidadosa e habilmente nos conduz. Se essa também é a característica de outros contos de *Urupês*, talvez por isso se afirme que “o aparecimento de Urupês veio marcar... um acontecimento sem precedentes na literatura brasileira... êxito literário, sociológico e político” (CAVALHEIRO, 1959, p.17; 23). Monteiro Lobato retratou o homem e a vida da roça, o que lhe deu lugar entre os regionalistas brasileiros, e também instaurou discurso, registrou uma visão de mundo, inédita na literatura da época, sobre as questões do Brasil rural.

A breve análise da enunciação de “A colcha de retalhos”, aqui empreendida, mostrou que a significação da linguagem não está unicamente em sua forma explícita. Os sentidos que construímos, as leituras que fazemos de um texto residem também nas circunstâncias envolvidas no ato de usar a linguagem, na enunciação. Apreendemos essas circunstâncias através de marcas de subjetividade deixadas nos enunciados, isto é,

na materialidade linguística. Uma tal linha de análise aproxima estudos da linguagem de estudos literários. Esperamos ter mostrado não só como a aproximação é possível e útil, mas principalmente que se está diante de um campo vasto a explorar, que poderá trazer resultados relevantes para ambas as áreas de estudo.

Referências

CAVALHEIRO, Edgard. Vida e obra de Monteiro Lobato. In: LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 9.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

CHARAUDEAU, Patrick. *Linguagem e discurso: Modos de organização*. São Paulo: Contexto, 2008.

LOBATO, Monteiro. *Urupês*. 9.ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1959.

MAINGUENEAU, Dominique. *Elementos de linguística para o texto literário*. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

MIGUEL-PEREIRA, Lúcia. *Prosa de ficção*. 3.ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1973.

REIS, José Carlos. *As identidades do Brasil: de Varnhagen a FHC*. 8.ed. São Paulo: Fundação Getúlio Vargas Editora, 2006.